

# “Justo a mim me coube ser eu”: fronteiras da individuação

Eduardo Rocha Zaidhaft<sup>1</sup>

Michelle Christof Gorin<sup>2</sup>

---

**RESUMO** A delimitação das fronteiras do Eu está diretamente ligada ao processo de individuação, sendo ambos temas caros à clínica psicanalítica. Pretendemos abordar o desenvolvimento individual especialmente a partir das contribuições de Winnicott. Com sua teoria da transicionalidade, produziu não somente uma ruptura com as concepções modernas a respeito desse processo, mas também uma prática clínica própria. Buscamos neste trabalho ilustrar essa discussão por meio de uma vinheta clínica, que evidencia os desafios envolvidos para a formação das fronteiras do Eu. Em última instância, consideramos importante enfatizar que o Eu só existe por causa do outro, de forma que ao mesmo tempo em que não existe separação total, a afirmação dessa independência parcial é a condição para uma vivência psíquica saudável – uma tarefa para toda a vida.

**PALAVRAS-CHAVE** individuação; Winnicott; fronteiras do Eu; simbolização

## Introdução

Quando analisamos o tema das “fronteiras em psicanálise”, algo ocasionado por essa formulação, devido à sua forma plural, há o ímpeto de se pensarem essas fronteiras em sua multiplicidade. Entretanto, buscar a totalidade dos diferentes aspectos da palavra “fronteira” nesse campo – fronteiras entre o mundo interno

---

1. Mestrando em Saúde Coletiva pela UERJ

2. Membro provisório da SBPRJ, doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC-Rio

e o mundo externo, fronteiras entre diferentes instâncias psíquicas, fronteiras do proibido e do permitido, do possível e do impossível, fronteiras entre a saúde e o adoecimento, entre a vida e a morte, fronteiras entre estruturas psíquicas, entre posições subjetivas, entre o ser e a ação... – nos levaria a um processo *ad nauseam*. Por esta razão, optamos por fazer um recorte visando a um aspecto singular desse universo múltiplo. Pensamos que, dentre as primeiras fronteiras que ocorrem à mente do pesquisador em psicanálise, assim como provavelmente em qualquer outra ciência psicológica, ou até mesmo biológica, é a questão da individuação. Já de posse dos pressupostos psicanalíticos, esse objeto de pesquisa corresponde a uma investigação, ilustrada por uma vinheta clínica, sobre as *fronteiras do Eu*. Desse modo, problematizaremos sobre de que forma o processo de desenvolvimento pessoal culmina na formação de um sujeito a quem é lícito referir a si mesmo – assunção não somente consciente, mas também inconsciente – como uma alteridade em relação ao seu contexto, tema de fundamental importância à clínica psicanalítica.

De acordo com o *Dicionário Básico de Filosofia* (Japiassú; Marcondes, 1991/1989), a *individuação* é “a característica ou qualidade que diferencia um indivíduo dentre todos os outros da mesma espécie” (p. 132), sendo o *indivíduo* “tudo aquilo que constitui uma unidade” (p. 132). Fala-se, portanto, da *individualidade* como uma ipseidade do indivíduo, “a socrateidade de Sócrates”, associada unicamente ao “objeto simples” (p. 132) que lhe corresponde. Há, contudo, nessa expressão referida à identidade pessoal, e a respeito da qual escolásticos se perguntaram se se trataria de uma característica formal ou essencial, a pressuposição de que essa unidade contável figura, por definição, como impossibilitada de divisão em diferentes partes. Esta última característica descrita se opõe, logicamente, às formulações metapsicológicas freudianas, ou seja, que pensam um “(in)divíduo” constituído por uma topografia psíquica, discernível em diferentes instâncias, regidas por leis com causalidades diversas e, por isso mesmo, divisíveis umas em relação às outras, apesar de interdependentes em suas funções.

Nesse sentido, quando abordarmos tal ideia da individuação, há de se ter em mente que, assim como o tema das “fronteiras em psicanálise” é múltiplo, o indivíduo psicanalítico se porta menos como um “objeto simples” e mais como um “sujeito complexo”. A manutenção dessa terminologia, apesar da clara oposição entre a concepção de sujeito em psicanálise e a de indivíduo na história da filosofia, é em função de ambas tratarem da *diferenciação* psíquica de uma pessoa em relação ao seu ambiente, e também da questão da *individualidade*,

ou seja, do processo que garante à pessoa aquilo que a torna singular em sua interação com o contexto plural. Por esta razão, a *individuação* se revela heurísticamente mais eficaz do que o termo mais comum no primeiro desses campos de saber – o de “subjetivação”. Optamos por isso, pois, quando falamos de *fronteiras do Eu*, estamos falando mais da *separação* em relação ao outro, implicada no processo de desenvolvimento emocional, do que de toda a bagagem socio-cultural que o termo “subjetivação” muitas vezes, e de forma adequada, busca trazer. Desse modo, vemos a individuação como um dos aspectos fundamentais do processo mais amplo de subjetivação.

Uma vez se pensando na escolha pelo termo individuação, outra ressalva a ser feita, ou mesmo uma crítica de cunho antropológico, seria como inescapavelmente a própria noção de indivíduo é uma produção social, fomentada pelo individualismo próprio da cultura de onde emergiu não somente a psicanálise, mas quase toda a filosofia ocidental. Durkheim (1978), filósofo francês considerado fundador da sociologia, falou de um “culto ao indivíduo” que surgiu ao longo do final do século XIX como fonte para a coesão social das sociedades altamente diferenciadas, tal qual a sociedade moderna (Vares, 2011; Dew, 2007). Com efeito, há também uma construção social do indivíduo que implica, portanto, considerar a individuação como um processo interativo com o ambiente. Ao se refletir sobre isso, sob o horizonte da psicanálise independentemente da terminologia que possamos usar – “individuação”, “subjetivação”, “desenvolvimento individual”, “desenvolvimento emocional” – há de se ter um alto grau de relativismo sobre o que propriamente define a fronteira entre uma vontade social e um desejo íntimo, o que traz a necessidade de referência sempre ao objeto para se pensar o sujeito. Assim como a psicanálise o faz, essa dimensão social da construção do indivíduo, e por isso histórica, determina a necessidade de se revisar drasticamente a visão de um indivíduo estático, indivisível e encerrado nele mesmo.

De acordo com essa visão menos monádica da individuação, o filósofo contemporâneo Edgar Morin (2011) pensa que existem três níveis aninhados entre si que definem o indivíduo. Em primeiro lugar, a autorreflexividade disponível nele, de se afirmar como um Eu singular, em primeira pessoa, sendo lá que ele encontra o que tem de mais autoria. Em segundo, o fato de esse indivíduo não somente agir conforme seus próprios apetites, tendo ao mesmo tempo a inevitável dependência em relação ao outro, que constitui a inserção dessa singularidade num contexto plural. Este seria o “Nós”, o ambiente intersubjetivo, que simultaneamente responde às ações do indivíduo e que o culturaliza.

Sobre este segundo aspecto, o filósofo fala sobre a existência de uma característica necessária e comum a todos os humanos, pelo menos até onde vai nossa tecnologia, que é a experiência, ainda que às vezes somente imaginária, de ser filho ou filha de alguém, considerando que esse terreno comum se desdobra numa terceira característica sobre a individuação, que representa a simultaneidade entre as duas dimensões anteriores.

A respeito desta terceira característica, que poderíamos pensar como uma superposição entre o Eu e o Nós, Morin (2011) considera que os indivíduos não são apenas frutos de uma reprodução, estejamos nós falando de reprodução biológica ou sociológica, mas também os atores que fazem essa produção. Para ele, “os indivíduos não somente estão no espaço, mas também o espaço está no interior deles” (00:03:00-00:03:03). A partir desta ótica, já articulando-a à psicanálise, poderíamos refletir sobre como a individuação é um processo que, de fato, tem como desdobramento a formação de fronteiras egoicas, mas essas fronteiras têm como pressuposto um *continuum* de dependência em relação àquilo que numa primeira visada elas justamente procuram separar. Desse modo, quando falamos de indivíduo em psicanálise, provavelmente rompe-se pelo menos em dois níveis a concepção de indivíduo oriunda da história da filosofia: em primeiro lugar, o fato de que o indivíduo é, paradoxalmente, divisível, complexo, coabitado por formas lógicas, inclusive contraditórias entre si, características do funcionamento inconsciente. Em segundo, que suas fronteiras não são exatamente tão impermeáveis quanto as de um “objeto simples”, justamente pela forma não somente interativa, mas sobretudo criativa e inconsciente, com a qual a individuação, principalmente em seus primeiros estágios, se relaciona com a alteridade.

### **Considerações sobre a individuação a partir de Winnicott**

Na psicanálise, provavelmente um dos autores mais frutíferos para se pensar a questão das fronteiras egoicas e da individuação, principalmente quando à luz da dimensão paradoxal entre os indivíduos e seu ambiente, também aludida por Morin, é Donald Winnicott. Rompendo com grande parte do pensamento moderno, este psicanalista inglês poderia ser caracterizado como um *monista*, tanto no que diz respeito aos problemas mente-corpo e natureza-cultura como também à questão sobre as *fronteiras do Eu*, isto é, sua descrição do desenvolvimento individual tem o paradoxo como ideia de fundo central, de modo que as visões tradicionais a respeito do processo de individuação recebem críticas em

um de seus preceitos fundamentais, o dualismo, incluindo o que se endereça à questão das fronteiras entre o Eu e o não Eu.

Produzindo uma teoria da individuação na qual a interação com o ambiente é marcada sobretudo pela complexidade intersubjetiva, existe, nas concepções winnicottianas, um continuísmo entre as fronteiras do indivíduo e do outro, ao mesmo tempo em que a interação individuada somente se desdobra a partir das falhas dessa adaptação plena do ambiente sobre o *self*. Desse modo, é por essa interação, representada principalmente pela figura daquilo que o autor chama de *mãe suficientemente boa*, que a indiferenciação, apesar de ser a característica fundamental da individuação, não pode ser mantida e, com essa pré-condição, as fronteiras do Eu começam a ser delimitadas.

Segundo Plastino (2014), com essa teoria, Winnicott barra as concepções dualistas características do pensamento clássico, principalmente de cunho cartesiano, sendo um monista, a exemplo de sua formulação sobre o “psicossoma”. Isto representa a concepção de que o nascimento biológico e o nascimento psíquico não são simplesmente contemporâneos. Com efeito, para ele, a emergência do psiquismo propriamente dito somente ocorre com a constituição de uma alteridade, que antes era experimentada de modo indistinto em relação ao corpo ainda não integrado do bebê. À época do nascimento biológico, há só um psicossoma, cujo psiquismo é apenas uma capacidade natural de imaginar, que se correlaciona com as vivências corporais. O psicossoma, embora com a potência de imaginar e fantasiar, nasce sabendo de nada, até as faculdades mais básicas de espaço-tempo e de se distinguir do outro.

Nesse período primitivo da vida, o psicossoma tem a função de integrar as diferentes partes de sua experiência, localizando no corpo aquilo que é vivido psiquicamente. Em outras palavras, antes do momento em que o psiquismo se integra ao corpo – por volta dos 6-8 meses – o mundo externo é vivido de forma indiferenciada em relação ao *self*. Este, por meio da fantasia, constrói imaginativamente a relação dos órgãos corporais com o ambiente, ao mesmo tempo em que o próprio corpo depende dessa reconstrução imaginativa. Nessa dimensão sumamente paradoxal, o bebê tem apenas uma experiência de ser, de viver, de sentir. Para um desenvolvimento saudável, é fundamental que essa experiência não seja interrompida, pois é a espontaneidade criativa que traz a liberdade de viver, a experiência de SER – correspondente ao *verdadeiro self*. Como propõe o psicanalista inglês, para sentir que a vida vale a pena de ser vivida, o bebê deve sentir *uma continuidade na experiência de ser*.

Para Winnicott (1971), tal movimento, juntamente com as falhas nessa adaptação plena, é o que traz uma das habilidades mais penosas de serem adquiridas na vida: a diferença entre a fantasia e a realidade. Por esta razão, tal continuísmo diz respeito não somente à complexidade existente na relação entre o corpo e o psiquismo, mas também entre o Eu e o não Eu. Do mesmo modo que dissemos que em psicanálise é sempre necessário se pensar o objeto para se pensar o sujeito, Winnicott entende que é a forma de se relacionar com o objeto que caracteriza os diferentes tempos de desenvolvimento do *self*.

Sobre este contexto de formação do ego e seus limites sobre o outro, Winnicott compreende que o crescimento emocional do indivíduo se dá através de um processo que parte da dependência absoluta da primeira infância, passa pela dependência relativa, rumo à independência. Essas diferentes posições do desenvolvimento correspondem a distintos modos de se relacionar com os objetos, partindo do objeto subjetivamente concebido, passando pelo objeto transicional, pelo objeto objetivamente percebido e culminando no uso do objeto. Do ponto de vista do autor, é o ambiente suficientemente bom, junto às tendências herdadas, que favorecem ou não esses processos de maturação do Eu. A formação das fronteiras do Eu é um processo que tem como fim, se tudo correr bem, o reconhecimento do objeto como outro, o que Winnicott (1971) nomeou de a capacidade de usar o objeto, e não apenas de se relacionar com ele.

Inicialmente, um bebê depende totalmente dos cuidadores e demanda que eles se adaptem às suas necessidades. Nessa fase, ele alucina os objetos que nutrem e cuidam de suas necessidades, vividos assim como criações dele em sua onipotência, pela sua incapacidade de perceber que está sendo provido pelo outro. Como o bebê tem uma dependência absoluta em relação ao ambiente, este deve ter uma adaptação absoluta a ele, o que pode ser representado pela apresentação do seio no momento em que o bebê alucina a realização dessa necessidade. Nesse contexto, o bebê é o ambiente e o ambiente é o bebê, uma dependência absoluta vivida de forma indiferenciada quanto ao que posteriormente virá a ser percebido como mundo externo. O outro, portanto, não se opõe ao Eu incipiente do bebê, mas sim o constitui. A mãe suficientemente boa é aquela que não se deixa perceber durante o período da dependência absoluta. Nessa fase, que Winnicott chama de função materna primária, desenvolve-se um comportamento que, em outros cenários, seria característico de uma psicose, mas cuja ocorrência se dá por meio de uma astúcia da natureza. Concomitante à formação do ego do bebê, a mãe começa a se interessar por outros obje-

tos, o que ocasiona algumas das falhas saudáveis ao desenvolvimento, havendo uma lacuna entre o desejo do bebê e a resposta do ambiente.

Por conseguinte, na medida em que a dependência começa a ser relativa, há a percepção da falha nos cuidados e, com isso, uma adaptação gradativa, perpassada por sentimentos de ódio e raiva perante a ausência do objeto outro- ra alucinado. Apesar de ficar ansioso quando sua espera pelo cuidado é maior do que sua capacidade de manter viva a memória de sua mãe, é por meio dessa superposição de afetos opostos que o bebê começa a estar consciente de sua dependência referida a uma alteridade. Isto significa uma necessidade imputada à mãe suficientemente boa que é a de não somente apresentar falhas à adaptação plena, característica do período de dependência absoluta, mas de também suportar essa frustração do bebê, expressa em forma de ataques, garantindo assim a continuidade da existência de ambos. Em outras palavras, cabe ao objeto não somente apresentar o dano causado pelo *self* incipiente, mas ofertar-lhe também a oportunidade para sua reparação com uma postura ativa e empática.

É essa integração dos aspectos positivos e negativos da relação de objeto que obriga o indivíduo a reconhecer objetivamente o objeto, enquanto fora das fronteiras de seu Eu e de sua onipotência, mas ainda assim sentir que pode viver criativamente. É com essas condições que o indivíduo começa a perceber um outro que é necessário e que não faz parte dele (Winnicott, 1971). O uso do objeto indica, assim, um estágio de maior maturidade do ego, que se desdobra em seguida ao processo no qual o bebê destrói o objeto em sua fantasia, a despeito de sua sobrevivência como um objeto real. Portanto, o reconhecimento do objeto como outro e a possibilidade de representar esse outro no psiquismo são a essência da compreensão de Winnicott sobre a individuação, a envolver também os subprocessos de integração, personalização e realização, cuja extensão integral foge ao escopo deste trabalho.

Com efeito, essa descrição sobre o processo de constituição das fronteiras do Eu caracteriza-o como não somente gradual, mas também de reconhecimento simultâneo sobre o que é fantasia e o que é realidade, e entre o que é interno e externo. A mãe suficientemente boa permite uma ilusão de que o objeto é parte do bebê e que foi criado por ele, assim como fornece a desilusão subsequente, a se dar de forma gradativa. Isto é essencial para que possa acontecer o teste de realidade e a aceitação da diferenciação gradual entre o Eu e o não Eu. Entre a dependência absoluta, marcada pela indiferenciação com o ambiente, e a dependência relativa, a criança pode fazer uso daquilo que Winnicott (1951) chama de “objeto transicional”. Este funciona como o símbolo

de um objeto parcial – em geral o seio – de modo que o objeto interno começa a ganhar *representação* por meio de um objeto externo, articulando realidade e fantasia. Simultaneamente, representa também o *espaço potencial* entre a criatividade primária – a alucinação onipotente do objeto interno e parcial, o seio – e a percepção objetiva do objeto – a mãe total como um outro indivíduo. O objeto transicional não é o objeto interno, manipulado de maneira onipotente, mas também não é totalmente reconhecido como originário do mundo externo, encontrando-se numa área intermediária.

Junto com isso, como Winnicott (1971) aponta, a ideia dos fenômenos transicionais e a experimentação que os envolve estão relacionadas à “raiz do simbolismo no tempo” (p. 19). Para Winnicott, o simbolismo só tem sentido segundo essa compreensão de desenvolvimento do indivíduo, sendo seus significados múltiplos, mas sempre atrelados ao objeto do primeiro relacionamento. Uma vez que o objeto transicional o representa, mas também não é em si esse objeto, ele acaba por funcionar como uma forma primeva de representação, de “uso da ilusão” (p. 26).

Esse percurso teórico permite afirmar que o processo de individuação passa pelo outro ambiental, o que faz da fronteira entre o eu e o outro um limite tênue, muitas vezes. Poderíamos pensar que essa sutileza aponta para aquilo que Morin (2011) fala sobre a superposição entre o Eu e o Nós. É natural que este seja um tema recorrente na clínica e assim ilustraremos a discussão com um fragmento clínico.

## **Vinheta clínica**

Julia, uma menina de 11 anos, joga com sua analista, pedindo por “aquele jogo”, referindo-se ao jogo do rabisco. Primeiro, desenha um cisne e explica que é como o da história do patinho feio. Já que o traço da analista parecia um número dois, a paciente entende que o desenho vira facilmente um pato. Em seguida, ela desenha, a partir do traço, uma boca enorme de jacaré pronta para comer um pássaro que voa. Ela diz à analista que o pássaro ficou bem bonito. A analista diz “puxa, que difícil para o patinho feio, e que difícil para o pássaro!”. Por último, ela desenha um ovo de dragão e, logo em seguida, o dragão que “está por perto para impedir que qualquer pessoa se aproxime de seu filhote”. A analista se refere à sessão da véspera, dizendo que se lembrou do que a paciente falava sobre o desejo de voltar à barriga de sua mãe e que sair e ser ela mesma tem sido muito arriscado. Julia responde dizendo que havia esquecido de contar para a

analista que sua mãe vai viajar no dia seguinte e que não gosta de ficar sem ela. A paciente lembra que da última vez em que ela viajou foi péssimo, assim como de alguns episódios em que perdeu o controle na escola durante a viagem da mãe e não conseguiu dormir à noite. A analista diz que tem sido difícil para ela se separar de sua mãe, e que, quando esta viaja, Julia se sente só e fica confusa sobre quem viaja e quem fica, quem é a mãe e quem é ela. A paciente responde em tom indagativo, como quem aspira por uma confirmação, dizendo que ninguém gosta que a mãe viaje e/ou fique longe. Em seguida, respira fundo como quem se lamenta resignadamente e pergunta se a analista conhece aquele quadrinho da Mafalda que diz: “Justo a mim me coube ser eu!”

## Discussão

Ao que nos parece, essa pequena vinheta clínica ilustra os desafios que Julia enfrenta no que diz respeito ao seu processo de individuação e a formação das fronteiras do Eu. A paciente, nos dois primeiros desenhos, parece falar, por meio de símbolos, das ameaças que vivencia ao experimentar certa independência. Seu processo de individuação é questionado através do Patinho Feio que, sentindo-se deslocado, investiga sobre sua origem e descobre que não é um pato, mas um cisne – ele de fato é diferente e não pertence ao grupo no qual se achava inserido. Novamente o pássaro, quando se dispõe a voar, corre o risco de ser comido pelo jacaré – justo ele que era tão bonitinho, de acordo com a paciente, e que não merecia isso. Por último, enfatiza o dragão afastando os perigos do seu filhote, o que gostaria que acontecesse com ela, regredindo à necessidade de depender da mãe.

A analista lembra da sessão anterior com a paciente, enfatizando a temática do desejo de retorno a um momento primitivo de segurança e indiferenciação com a mãe. A intervenção traz à tona a preocupação iminente do abandono e do novo distanciamento. A paciente reconhece como foi sofrida a última vez que vivenciou essa separação. A analista indica que há uma dificuldade de separação entre elas. A menina, então, busca por confirmação da analista de que isso é “normal” e lamenta, através da Mafalda, o esforço de se empenhar em construir sua individualidade. A fala da analista que relembra a sessão anterior favorece, portanto, a continuidade da expressão do que ela pensa, e acaba por permitir que Julia coloque em palavras a falta que sua mãe lhe faz, fazendo-o de forma criativa e com humor. Em outros termos, permite a simbolização do que é vivido afetivamente como separação.

Em outras palavras, é também função da análise reconhecer como é difícil e arriscado para ela o processo de individuação, o que é corroborado pela fala da Mafalda. Para Julia, esta representa ao mesmo tempo a necessidade de afirmação de seu verdadeiro *self*, marca de sua individualidade, como também as angústias internas e as restrições impostas pelo mundo externo, que a fazem reagir de forma danosa à continuidade de sua experiência. Os limites entre ela e sua mãe parecem ainda confusos. Apesar de sua idade, ela nos lembra um bebê, que depende do sumiço do objeto para percebê-lo como fora das fronteiras do Eu individuado. Simultânea e paradoxalmente, essa condição a faz, do ponto de vista dela, não o encontrar dentro de si ainda, fazendo-a duvidar de seu retorno e questionando se o destruiu. Desse modo, nos parece que em alguns momentos ela não consegue fazer uso do objeto, no sentido de que se relaciona de modo bastante indiferenciado em relação a ele, causando situações em que o Eu é incapaz de lidar com as angústias vividas internamente. Mas já se mostra capaz de pensar sobre isso.

Por esta razão, levantamos a hipótese de que Julia carece de uso do objeto transicional, para que possa gradualmente reconhecer a mãe como um objeto externo e não interno. Os desenhos, junto com a relação emocional com a analista vivida na transferência, nesse contexto, servem à paciente como um recurso para elaborar essas questões necessárias ao processo de individuação, de modo que cabe se propor uma associação entre a individuação e a simbolização, isto é, podemos considerar, por meio desse espaço potencial facilitado pelo jogo do rabisco, que existe, na visão psicanalítica, uma dependência recíproca, vivida de forma sobretudo afetiva, entre os processos de simbolização e individuação. Sendo o objeto transicional uma forma primeva de representação – um objeto que serve como um “signo indicial” (Guimarães Filho, 2017) da mãe – e, por isso mesmo, também um objeto no qual coexistem, para a criança, uma concepção subjetiva e uma percepção objetiva, é possível se pensar como o trabalho psicanalítico, operado nessa área intermediária, propicia uma experiência de elaboração desses processos.

## **Considerações finais**

Conforme a proposta de Winnicott sobre a área intermediária entre o Eu e o não Eu ilustrada pelo objeto transicional, cabe refletir, portanto, como a análise de Julia pode funcionar como um espaço potencial onde as ameaças de rumar para a independência apareçam sem correr o risco de perder ou destruir o ob-

jeto definitivamente ou até a si mesma. Por meio desta atividade afetiva e simbolizadora, a precária individuação da paciente pode encontrar recursos para a maturação de seu processo, com vistas ao desenvolvimento de relações objetivas mais favoráveis. Do mesmo modo, ao notar que sua mãe é um indivíduo distinto dela, pode sofisticar sua capacidade de simbolização, possibilitando a referência a signos cada vez mais elaborados para as tensões que tal individuação promove. Para Julia, as fronteiras entre o Eu e o não Eu não estão claras, uma vez que em vários momentos e com bastante angústia não é capaz de se referir como um indivíduo separado de seu ambiente, impedindo a constituição de sua individualidade. A exemplo de seus desenhos, o outro, que é sobretudo o que a constitui, ainda é muito grande.

Através do caso de Julia, podemos pensar que a individuação, para alcançar o uso do objeto, conta com percalços que dizem respeito não somente à necessidade de lidar com os limites em relação ao mundo externo – com todas as restrições e as exigências que ele envolve – mas também à expressão singular do verdadeiro *self*, uma vez que esta depende de sua inserção nesse contexto plural, complexo e intersubjetivo. Vale lembrar assim que, apesar de a separação e a autonomia serem necessárias, estas sempre são condicionáveis e nunca absolutas, sendo a individuação um processo sobretudo relacional. Acharmos importante enfatizar que o Eu só existe por causa do outro, de forma que ao mesmo tempo em que não existe separação total, a afirmação dessa independência parcial é a condição para uma vivência psíquica saudável – uma tarefa para toda a vida. O trabalho da psicanálise situa-se na fronteira entre o Eu e o outro.

***“Why am I the one who ended up having to be me?”:  
boundaries of individuation***

**ABSTRACT** *The delimitation of Ego boundaries is directly linked to the process of individuation, both of which are important subjects to the psychoanalytic clinic. We intend to theorize individual development especially from Winnicott’s contributions. With his theory of transitionality, he produced not only a break with modern conceptions about this process, but also a unique clinical practice. We seek to illustrate this discussion through a clinical vignette, which highlights the challenges involved in the formation of the boundaries of the Ego. Ultimately, we find it important to emphasize that the individual exists only because of the other. So, while there is no total separation, at the same time, the affirmation of this partial independence is the condition for a healthy psychic experience – a task for one’s whole life.*

**KEYWORDS** *individuation; Winnicott; Ego boundaries; simbolization*

### **“¿Por qué justo a mi tenía que tocarme ser yo?”: fronteras de la individuación**

**RESUMEN** La delimitación de las fronteras del Yo está directamente ligada al proceso de individuación, siendo ambos temas caros a la clínica psicoanalítica. Pretendemos teorizar el desarrollo individual especialmente a partir de las contribuciones de Winnicott. Con su teoría de la transicionalidad, produjo no sólo una ruptura con las concepciones modernas respecto a ese proceso, sino también una práctica clínica propia. Buscamos en este trabajo ilustrar esa discusión a través de una viñeta clínica, que evidencia los desafíos involucrados para la formación de las fronteras del Yo. En última instancia, consideramos importante enfatizar que el Yo sólo existe por el otro, de forma que al mismo tiempo que no existe separación total, la afirmación de esa independencia parcial es la condición para una vivencia psíquica sana – una tarea para toda la vida.

**PALABRAS CLAVE** individuación; Winnicott; fronteras del Yo; simbolización

### **Referências**

- Dew, K. (2007). Public health and the cult of humanity: a neglected Durkheimian concept. *Sociology of Health & Illness*, 29 (1), 100-114.
- Durkheim, É. (1978). Divisão do trabalho e suicídio. In J. A. Rodrigues (org.), Émile Durkheim (p. 73-146). São Paulo: Ática.
- Guimarães Filho, P. D. (2017). Relações dos fenômenos transicionais e do brincar em Winnicott com a semiótica de Peirce. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51 (4), 33-54.
- Japiassú, H.; Marcondes, D. (1991). *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 1989)
- Morin, E. (2011). *A complexidade do Eu*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ExOqRgBKDKA>. Acesso em: 29/05/2019
- Plastino, C. A. (2014). *Vida, Criatividade e Sentido no pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda.
- Vares, S. F. (2011). Sociologismo e Individualismo em Émile Durkheim. *Caderno Crh*, 24 (62), 435-446.
- Winnicott, D. (2000). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (p. 316-331). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho originalmente publicado em 1951)
- Winnicott, D. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Recebido: 10/1/2019

Aceito: 20/3/2019

Eduardo Rocha Zaidhaft

Rua General Polidoro, 177 ap.604 - Botafogo

Rio de Janeiro – RJ - CEP: 22280-002

(21) 99996-0996

eduardozaidhaft@gmail.com

Michelle Christof Gorin

Rua Barão da Torre, 667 ap.303 – Ipanema

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22411-003

(21) 99981-1655

migorin@gmail.com